

Teoria e método nos primórdios da macroeconomia: Hicks e o difícil compromisso entre tempo e equilíbrio

Edward J. Amadeo*

1. Introdução; 2. 1936; 3. 1956; 4. 1976; 5. 1965-85.

1. Introdução

As relações entre a irreversibilidade do tempo, a formação de expectativas, a dinâmica micro e macroeconômica e a noção de equilíbrio têm lugar destacado na obra de Hicks. Sua formação, essencialmente walrasiana, sem dúvida influenciou no empenho com que buscou posicionar-se diante dos trabalhos de Lindahl e Keynes. Lindahl, segundo seu próprio testemunho, contribuiu de forma decisiva para seu entendimento dos métodos dinâmicos; por outro lado, sua necessidade de apreender a mensagem central de Keynes e de compará-la a sua própria obra obrigou-o a se referir continuamente ao trabalho de Keynes. O compromisso entre Lindahl e Walras, tempo e equilíbrio, entretanto, tem seu ônus para a interpretação de Hicks sobre o método de análise utilizado por Keynes na *Teoria geral*.

Hicks jamais se posicionou de modo a colocar em um dos pólos o espectro entre a análise estática (que negligencia o papel das expectativas) e, de outro, a abordagem em que a irreversibilidade do tempo e as expectativas adquirem tamanha importância que a noção de equilíbrio se torna, a rigor, irrelevante. Ao mesmo tempo, sempre tem o cuidado de diferenciar as expectativas entre dadas e endógenas e, neste sentido, distancia-se da abordagem das expectativas racionais segundo a qual a formação de expectativas é inteiramente endógena e as antecipações, continuamente realizadas, salvo diante de choques estocásticos.

Desde a década de 30 Hicks vem contribuindo para a construção de um aparato analítico que reúna "tempo" e "equilíbrio". Com exceção da década de 40 (em que esteve dedicado à teoria do bem-estar), nas demais décadas Hicks contribuiu com pelo menos um artigo ou livro fundamental para o tema. Senão vejamos: em 1936 publicou sua primeira resenha da *Teoria*

* Do Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

geral, em que chama a atenção para o uso das expectativas no livro (Hicks, 1982a); em 1956 aparece seu artigo em homenagem a Lindahl (Hicks, 1982b); em 1965 publica *Capital and growth* (Hicks, 1965); em 1976 é publicado o artigo apresentado em um *festschif* para Georgescu-Roegen (Hicks, 1982c); finalmente, em 1985, aparece uma edição revista da primeira parte de *Capital and growth: methods of dynamic economics*. Interessamos de perto ainda seu livro *Causality in economics* (1979) e o artigo em que revê o modelo *IS-LM* por ele proposto em 1937 (Hicks, 1982d, cap. 23).

Nestas notas examinamos o desenvolvimento da abordagem de Hicks sobre métodos de análise em teoria econômica entre 1936 e 1985. Daremos ênfase à interpretação de Hicks sobre o método de análise utilizado por Keynes na *Teoria geral*.

2. 1936

Entre as preocupações de Hicks na primeira resenha da *Teoria geral* destaca-se o método de análise utilizado. Que papel desempenham as expectativas? Será a análise estática ou dinâmica? Hicks perseguiria essas questões ao longo de seus trabalhos nas décadas por vir. Na época ele já havia tomado conhecimento dos modelos dinâmicos de Myrdal e Lindahl. Hicks escreveu a resenha da edição em alemão de *Monetary equilibrium*, de Myrdal, para *Economica* em 1933, e manteve contato com Lindahl quando este passou o período acadêmico de 1934/5 na London School of Economics.

Na resenha, Hicks considera o uso do “método das expectativas” o que de mais revolucionário havia na *Teoria geral*. Na aplicação do método, supõem-se dados não apenas os recursos e preferências dos agentes — como na teoria estática — mas também as expectativas dos agentes quanto a eventos futuros. Ofertas e demandas são determinadas a partir dos recursos, preferências e expectativas, determinando assim os preços de equilíbrio.

Hicks distingue as expectativas de curto e longo prazos que, na *Teoria geral*, se referem, respectivamente, às decisões de produzir e empregar e às decisões de investir.¹ Enquanto as expectativas de longo prazo são tomadas como dadas na análise da *Teoria geral*, as de curto prazo, por serem informadas pelos eventos do dia-a-dia, são, em geral, negligenciadas. Isto

¹ O curto prazo, segundo Hicks (1982a, p. 87) “é curto o suficiente para que possamos desprezar mudanças nas expectativas que ocorram no interior do período. Na *Teoria geral* Keynes associa o curto prazo ao menor período após o qual as firmas podem modificar suas decisões de produzir” (Keynes, 1936, p. 47).

é, supõe-se que não há discrepâncias significativas entre as expectativas de preços de curto prazo e os preços correntes.

Ainda que no futuro Hicks viesse a associar o modelo da *Teoria geral* com o método dos preços fixos (*fixprice method*), na resenha de 1936 ele identifica o comportamento das firmas produtoras de bens de consumo com a “análise marshalliana convencional” (Hicks, 1982a, p. 89). Dadas as expectativas de longo prazo, os níveis de produto e preços determinados à maneira de Marshall correspondem a uma posição de equilíbrio, uma vez que as expectativas de curto prazo por suposição realizam-se continuamente. Às mudanças nas expectativas de longo prazo correspondem novas posições de equilíbrio. Daí Hicks referir-se à teoria do equilíbrio movente (*shifting equilibrium*).

3. 1956

No artigo de 1956 estão as principais sementes do que viria a ser a abordagem de *Capital and growth* e depois *Methods of dynamic economics*. Na realidade, no prefácio à reedição do trabalho, publicada em 1982 (Hicks, 1982b, p. 218), Hicks sugere que o artigo contém uma exposição mais clara de suas idéias que *Capital and growth*.

No artigo, Hicks distingue dois tipos de teorias: teorias de período único (*single period theories*) e teorias de continuação (*continuation theories*). As primeiras concentram-se no que ocorre no interior do período relevante de análise, enquanto as do segundo tipo referem-se a fenômenos ao longo de uma série de períodos. As teorias do segundo grupo são potencialmente mais dinâmicas. Esta classificação se aplica a quatro métodos caracterizados por dois atributos (ver quadro 1).

Quadro 1
Taxonomia de métodos

		Primeiro atributo	
		Modelos <i>stock/flow</i>	Modelos <i>ex-ante/ex-post</i>
Segundo atributo	modelos <i>flexprice</i>	TM	TE
	modelos <i>fixprice</i>	TG	L

Obs.: em diferentes trabalhos a partir de 1956 Hicks insinua que o *tratado sobre a moeda* de Keynes faz uso do método TM, que a *Teoria geral* é um exemplo do método TG e que pelo menos uma versão do modelo de equilíbrio temporário faz uso do método TE.

Em modelos *ex-ante/ex-post* enfatiza-se o papel das expectativas e explora-se o elemento de dinamicidade associado ao processo de revisão de expectativas diante de disparidades entre eventos esperados e efetivamente observados. Os modelos estáticos concentram-se na análise de fenômenos restritos a um único período (*single period theories*) sem que a formação de expectativas ou a possibilidade de antecipações não-realizadas tenham importância. A interação entre a formação de expectativas e os fatos correntes torna a análise dinâmica. Um novo período se inicia com a revisão de expectativas e novos planos de ação. Uma seqüência de períodos (*continuation theories*) relacionados por meio da interação entre expectativas e realizações é o que distingue a análise *ex-ante/ex-post* da análise estática ou atemporal.

Um exemplo típico da análise *stock/flow* é a dicotomia entre curto e longo prazos de Marshall. No curto prazo (*single period*, neste caso) os fluxos se ajustam a variações na demanda até que se obtenha o equilíbrio de fluxos. Supondo-se uma situação inicial de equilíbrio de estoques, isto é, firmas operando segundo o grau de utilização da capacidade planejado, um movimento da demanda seguido de reequilíbrio dos fluxos levará a uma situação de desequilíbrio de estoques. Para que o equilíbrio seja restaurado é necessário que novos investimentos sejam feitos. Neste sentido, Hicks é levado a crer que a *Teoria geral*, por concentrar-se no curto prazo marshalliano, refere-se à fase do período único da análise *stock/flow*.

O segundo atributo da taxonomia de métodos proposta por Hicks distingue ajustamentos através de preços ou quantidades (estoques ou nível do produto, a depender das circunstâncias). Supondo dados os preços, uma variação na demanda implicará o ajuste de estoques (de capital circulante e produtos acabados) e fluxos (de emprego e produção). Segundo Hicks (1965, cap. 10; 1974, cap. 1; 1985, cap. 6), o funcionamento do multiplicador keynesiano aproxima-se deste esquema de ajuste que combina elementos de modelos *stock/flow* e *fixprice*. Já o modelo de Lindahl combina os elementos *ex-ante/ex-post* e *fixprice* (método L).

A combinação de elementos de modelos *flexprice* e *stock/flow* é adequada à análise da determinação de preços em mercados especulativos em que adições (fluxos) ao estoque de mercadorias considerado são mais ou menos desprezíveis. No caso do mercado financeiro, por exemplo, o preço dos ativos é determinado pela forma em que os agentes desejam manter suas riquezas. A decisão quanto à alocação das adições ao estoque de riqueza (poupança) tem influência restrita sobre a determinação do preço dos ativos. A decisão quanto à alocação de riqueza depende do efeito esperado de eventos futuros sobre o valor dos diferentes ativos. Segundo Hicks, as análises de processos de ajustes via fluxos dependem até certo ponto de

expectativas, mas é principalmente o exame de decisões associadas a estoques que mais depende da antecipação dos agentes sobre eventos futuros (Hicks, 1982b, p. 226-7).

4. 1976

Em seu artigo de 1976, Hicks examina as implicações da irreversibilidade do tempo histórico na análise econômica. “No espaço nos movemos em ambas as direções, ou qualquer direção; mas o tempo apenas vai adiante, jamais retorna” (Hicks, 1982c, p. 283). Hicks diferencia teorias “no tempo”, vale dizer, que consideram explicitamente as implicações da passagem do tempo nas tomadas de decisão, das teorias “fora do tempo”, em que estas implicações são negligenciadas.

A teoria da preferência pela liquidez na *Teoria geral* está no tempo; a teoria do multiplicador está fora (Hicks, 1982c, p. 288). Hicks tem contribuído para injetar mais tempo em ambas as teorias. A partir de 1967 seus trabalhos sobre teoria monetária (Hicks, 1967, cap. 1; 1974, cap. 2; 1982d, cap. 193) associam “liquidez” à “flexibilidade”: a incerteza com relação ao futuro torna a possibilidade de alterações na composição dos *portfolios* desejável. Muitas vezes é preferível esperar até que as dúvidas quanto ao futuro se dissipem um pouco.² Neste sentido, há ativos que oferecem mais flexibilidade — a propriedade de serem transacionados a qualquer momento com pequena probabilidade de perdas de capital.

Hicks considera a análise do multiplicador — esta caixa preta embutida na curva *IS* —, na *Teoria geral*, fora do tempo. De fato, a versão convencional do princípio da demanda efetiva (para o desenvolvimento da qual Hicks muito contribuiu com seu modelo *IS-LM*) negligencia os aspectos dinâmicos do funcionamento do multiplicador. Em particular, o papel das expectativas dos produtores e suas decisões de produzir, empregar, fixar preços e volume de estoques, etc. Também Keynes contribuiu para tornar esta versão mais difundida ao ignorar em grande medida a possibilidade e os efeitos de discrepâncias entre expectativas relativas ao período de produção e resultados ou realizações (ver Amadeo, 1986c). Entretanto, na *Teoria geral*, estes aspectos, ligados à teoria da produção e preços ao nível da firma, não são totalmente ignorados. A caixa preta é

² “(...) liquidez não é a propriedade de uma escolha única; uma questão de uma seqüência de escolhas, uma seqüência relacionada. Ela está associada com a passagem do conhecido para o desconhecido, com o conhecimento de que esperamos poder ter mais conhecimento. Assim, não é suficiente, na teoria da liquidez, fazer uma dicotomia única entre o conhecido e o desconhecido. Há uma categoria a mais, de coisas que são desconhecidas agora, mas se tornarão conhecidas com o tempo” (Hicks 1974, p. 38-9).

aberta e examinada, ainda que de maneira pouco cuidadosa, nos capítulos 3, 5, 7 e 10 do livro.

5. 1965-85

Antes de retornarmos à interpretação “hicksiana” do método da análise da *Teoria geral*, e à comparação com o método de equilíbrio temporário de *Value and capital*, examinemos algumas noções gerais sobre métodos de análise em teoria econômica, discutidas em *Capital and growth* e em sua versão mais recente, *Methods of dynamic economics*.

Ao longo de suas contribuições, Hicks manteve-se consistente no que se refere à sua concepção da análise estática; isto é, uma análise restrita a um período único em que a passagem do tempo e, em particular, expectativas têm importância reduzida. A noção de dinâmica, entretanto, sofreu uma metamorfose após a publicação de *Capital and growth*. Em 1965, Hicks considerava dinâmica a análise em que as variáveis fossem datadas. Tanto é assim que modelos de *steady state* (modelos de crescimento equilibrado) em que a formação de expectativas tem influência restrita (ou nenhuma) sobre a análise são considerados dinâmicos simplesmente porque o valor das variáveis de nível (emprego, produto, capacidade, etc.) modifica-se ao longo do tempo. Aos poucos, Hicks modificou sua concepção. Em 1976 vê os modelos de crescimento equilibrado como um retorno ao equilíbrio (Hicks, 1982c, p. 291) e em 1985 argumenta que, se utilizados para “comparação entre estados, ainda que estados em progresso, (...) devemos reconhecer que são usados de forma muito estática” (Hicks, 1985, p. 9).

Mesmo enfatizando a importância das expectativas na análise dinâmica, Hicks em nenhum momento abre mão da noção de equilíbrio. Esta é uma diferença marcante entre Schackle e Hicks, dois jovens economistas da *London School of Economics* nos anos 30, ambos influenciados por Lindhal e Myrdal. Schackle critica o modelo da *Teoria geral* por ser excessivamente estático, principalmente no que se refere à determinação do produto e do preço ao nível da firma. Ao contrário de Hicks, condena radicalmente a concepção de equilíbrio na análise econômica (ver Shackle 1967). Não é difícil perceber o motivo que leva Shackle a rejeitar a noção de equilíbrio: assim como Hicks, ele entende que há diferentes noções de equilíbrio, mas que há uma e apenas uma com caráter rigorosamente paradigmático: o equilíbrio walrasiano. Este, pelas hipóteses subjacentes à sua construção, é irrelevante para examinar economias em que as decisões são tomadas de forma descentralizada e seqüencial.

Apesar disso, Hicks insiste em reunir tempo e equilíbrio. Não só a noção de equilíbrio é fundamental para o desenvolvimento de uma teoria dinâmica: “algo deve ser especificado sobre as reações em desequilíbrio antes que

a existência de uma tendência para o equilíbrio possa ser afirmada. A tendência para o equilíbrio (...) é ela mesma uma questão dinâmica” (Hicks, 1985, p. 14). Esta tendência depende de um conjunto de regras (reações) segundo as quais o valor observado das variáveis converge para o valor de equilíbrio. Se mudam os parâmetros, muda a posição de equilíbrio em si, e um processo de convergência na direção do novo equilíbrio se inicia (Hicks, 1985, p. 18-9). O primeiro passo em uma análise dinâmica se dá com o exame do que ocorre no interior de um período único representativo; a dinâmica em si decorre da inter-relação entre períodos. Se o sistema é estável, esta seqüência convergirá para a posição de equilíbrio.

Hicks sente-se particularmente confortável com as noções de processo de ajuste e convergência do sistema na direção do equilíbrio. De fato, sua posição é de que se faz necessário que “possamos garantir a existência de uma tendência para o equilíbrio (...). Mesmo que o equilíbrio exista, é preciso ainda demonstrar que há uma tendência em sua direção” (Hicks, 1985, p. 12). Neste particular, as posições de Joan Robinson e Hicks divergem radicalmente. Ela argumenta que, uma vez que o sistema se desvie do equilíbrio, não faz sentido perguntar se um novo equilíbrio será atingido. Estabilidade e convergência não devem fazer parte da análise já que, em desequilíbrio, as expectativas podem não se cumprir, e tão logo “a incerteza sobre as expectativas que guiam o comportamento seja admitida, o equilíbrio deixa o argumento e a história toma o seu lugar” (Robinson, 1951-79, p. 48). De novo, se há uma mudança, “a posição já não é de equilíbrio (...) [e] para encontrar um novo equilíbrio temos que contar toda uma estória sobre o comportamento da economia fora do equilíbrio, inclusive o efeito de expectativas não realizadas” (Robinson, 1951-79, p. 52).

Voltamo-nos finalmente para a interpretação de Hicks sobre as diferenças entre o *Tratado* e a *Teoria geral*, e o método de Keynes nesta última. Para isso, devemos antes examinar mais profundamente a classificação de métodos apresentada em 1965 e 1985.

5.1 Equilíbrio temporário

O caso canônico para o desenvolvimento dessa classificação é o “equilíbrio temporário” introduzido por Hicks em 1939 em seu *Value and capital*. Como sugere o próprio Hicks, o modelo de equilíbrio temporário é semi-estático. Estático na medida em que as expectativas internas ao período (a “semana” de *Value and capital*) são, por hipótese, realizadas. O nível de produção está dado e, no início do período (segunda-feira), os preços de equilíbrio são determinados. Ao longo da semana as transações se dão segundo os contratos firmados na segunda-feira. Não há *false trading*. O modelo é dinâmico na medida em que as expectativas externas ao período

são dadas e podem mudar a cada segunda-feira. Isto é, desempenham papel semelhante ao das expectativas de longo prazo no modelo keynesiano. Assim, o equilíbrio temporário não é mais que um equilíbrio de tipo walrasiano, condicionado pelas expectativas externas à semana. O equilíbrio é instantâneo (isto é, definido na segunda-feira) e as transações satisfazem as condições de equilíbrio. A rigor, a noção de equilíbrio não existe.³

Equilíbrio temporário (caso canônico):

- a) expectativas externas (à semana) dadas;
- b) expectativas internas (à semana) realizadas;
- c) ajuste *instantâneo* (na segunda-feira) de preços;
- d) equilíbrio do tipo walrasiano semi-estático.

5.2 O modelo *fixprice* de Lindahl

Hicks vê no modelo dinâmico de Lindahl (1939) a origem dos modelos *fixprice*, introduzidos em 1956 e discutidos em profundidade em 1965 e 1985. No modelo de Lindahl (ver Hicks, 1985, cap. 7), as decisões de produção e fixação de preços são tomadas no início do período — digamos na segunda-feira, para manter a analogia com o modelo de *Value and capital*. Estas decisões são tomadas com base nas expectativas (internas e externas ao período). Ao longo do período (semana), oferta e demanda se ajustam paulatinamente via estoque com preços dados. Daí a precedência deste modelo *vis-à-vis* o método *fixprice*. Hicks associa o equilíbrio temporário ao método *flexprice*. Se há discrepâncias entre o nível de demanda esperado e o nível efetivo, os estoques se ajustam; neste caso, ao final do período o nível de estoques observado poderá ser diferente do planejado ou desejado. Uma discrepância deste tipo fará com que os produtores revejam suas expectativas. A interação entre expectativas e eventos correntes, e a influência de discrepâncias entre os dois sobre as decisões de produzir, período a período, tornam o modelo *fixprice* dinâmico.

Modelo de Lindahl (*fixprice*):

- a) expectativas externas dadas;
- b) expectativas internas podem não se realizar;
- c) ajuste (seqüencial) via estoques;
- d) desequilíbrios: estoques a níveis indesejados; modelo dinâmico.

³ Em equilíbrio temporário, “os mercados estão em equilíbrio — a demanda observada é a mesma que a demanda desejada, a oferta observada é a mesma que a oferta desejada” (Hicks, 1985, p. 81).

5.3 Equilíbrio temporário modificado

Hicks (1982*b*, p. 224) menciona de passagem um caso modificado do modelo de equilíbrio temporário em que as expectativas internas ao período podem não se realizar, mas o ajuste se dá via preços e não via estoques. Este caso corresponde não ao equilíbrio simultâneo do tipo walrasiano (equilíbrio temporário do tipo canônico), mas ao equilíbrio de mercado do tipo marshalliano em que, dada a oferta (decidida no início do período como no modelo de Lindahl), preços se ajustam diante de discrepâncias e diferenças entre oferta e demanda planejadas. Tudo se passa como no modelo *fixprice*, com a diferença de que o ajuste se dá via preços.

Equilíbrio temporário modificado (caso marshalliano):

- a) expectativas externas dadas;
- b) expectativas internas podem não se realizar;
- c) ajuste (seqüencial) via preços;
- d) desequilíbrio: preço de mercado diferente do preço esperado ou preço de oferta; modelo dinâmico.

Em 1965 e 1985, Hicks insiste em uma clivagem rígida entre os modelos de equilíbrio temporário e Lindahl: ou bem preços flexíveis e equilíbrio do tipo walrasiano ou bem preços rígidos e desequilíbrio. Esta mesma dicotomia domina a ortodoxia macroeconômica moderna — de Lucas a Leijonhufvud. A terceira opção, que combina a possibilidade de expectativas equivocadas e ajuste (não-instantâneo) via preços, é totalmente negligenciada. Tudo indica que Hicks prende-se a estes dois casos por serem eles o caso canônico de equilíbrio e o único caso de desequilíbrio relevante em uma economia em que a maior parte dos preços é fixada pelos produtores e o ajuste entre demanda e oferta se dá via variações de estoques (Hicks, 1982*b*, p. 231; 1985, 82-3). A nosso ver, faz-se imperioso atentar para a clivagem entre o método de equilíbrio temporário, de um lado, e os métodos de Lindahl e equilíbrio temporário modificado, de outro. O que caracteriza o primeiro é a realização das expectativas (internas ao período) e o ajuste instantâneo de preços; o que caracteriza os outros dois é a possibilidade de erros expectacionais e o ajuste seqüencial. A diferença está entre a noção de equilíbrio de tipo walrasiano (instantâneo) e a noção marshalliana (seqüencial).

Com base na única clivagem que lhe parece relevante (preços *versus* quantidades), Hicks diferencia o *Tratado da Teoria geral*, associando o primeiro ao modelo *flexprice* e o segundo ao modelo *fixprice*. Em 1956 Hicks sugere que, na *Teoria geral*, Keynes “utilizou uma abordagem *P* (*flexprice*) para um mercado apenas (o de títulos); todos os demais mercados foram tratados segundo o método *Q* (*fixprice*)” (Hicks, 1982*b*, p. 229). Em

Hicks (1965, p. 771), lê-se: “Não há (...) dúvidas de que, entre [o *Tratado* e a *Teoria geral*], Keynes estava movendo-se na direção do método [*fix-price*]”. Em 1985, a mesma idéia reaparece: “Keynes tinha que abandonar a simplificação do *Tratado*, o estudo de mudanças em preços e mudanças nas quantidades. Mudanças nas quantidades tinham que ser consideradas (...) [A] forma natural era construir um modelo em que quantidades mudassem sem efeitos sobre os preços” (Hicks, 1985, p. 57). Ao discutir o modelo de Lindahl, Hicks sugere que ele “ficou insatisfeito [com o método *flex-price*]. Ele pensou em introduzir certa rigidez aos preços; assim foi obrigado a jogar seu desequilíbrio *ex-ante/ex-post* para o lado das quantidades. Muito parecido com o que naqueles mesmos anos ocorria com Keynes” (Hicks, 1985, p. 80).

Leijonhufvud segue de perto a interpretação de Hicks ao argumentar que: “ ‘a longa luta [de Keynes] para escapar’ parece ter sido uma luta com a dinâmica da análise de período marshalliana (...)” (Leijonhufvud, 1968, p. 53). “A inversão da ordem de ajuste marshalliana é o elemento revolucionário da *Teoria geral*” (Leijonhufvud, 1968, p. 56). Como se sabe, a tese de Leijonhufvud tem aceitação generalizada entre os keynesianos.

Entretanto, esta interpretação é equivocada. Em primeiro lugar, não é razoável afirmar que no *Tratado* variações no nível do produto não são examinadas (ver Amadeo, 1986a). Em segundo lugar, em que se baseia a tese de que na *Teoria geral* apenas as quantidades (estoques e produto) variam? Em ambos os livros a análise se desenvolve levando em consideração o que se passa no interior do período único (período de emprego ou produção) e ao longo de uma série de períodos como estes. No caso do *Tratado*, a nova posição de equilíbrio associada a um choque de demanda não é definida, o que não impede que se proceda a uma análise seqüencial em que estoques, preços e níveis de produto e emprego variem (ver Keynes, livros III e IV). Na *Teoria geral*, como se sabe, a seqüência converge para uma nova posição de equilíbrio. Ao descrever o mecanismo do multiplicador, Keynes discute o efeito imediato (vale dizer, no interior do período de produção) de um aumento na produção de bens de capital: “A tentativa daqueles recém-empregados na indústria de bens de capital de consumirem uma parcela do crescimento de suas rendas fará crescer os preços dos bens de consumo até que um equilíbrio temporário entre demanda e oferta venha a se dar através do adiantamento de parte do consumo devido aos elevados preços, da redistribuição da renda em favor das classes que poupam (...) e através da redução dos estoques como resultado da elevação dos preços” (Keynes, p. 123-4).

Como se observa, ambos, preços e quantidades, se ajustam; e o equilíbrio temporário se refere a um processo seqüencial (obviamente não-instantâneo) de ajuste. Como discípulo de Marshall, não chega a ser surpreen-

dente o fato de Keynes supor um processo de ajuste seqüencial e não-instantâneo.⁴ O modelo keynesiano é, na realidade, um híbrido entre os modelos de Lindahl e equilíbrio temporário modificado.

A contribuição de Hicks para o desenvolvimento das idéias sobre métodos de análise é única: como ela, não há outra em abrangência e rigor. Entretanto, seu aparato analítico mostra-se frágil diante de algumas questões específicas. Em particular, ao identificar o método *flexprice* com o modelo de equilíbrio temporário — ou equilíbrio semi-walrasiano — (ver Hicks, 1985, p. 83, e Leijonhufvud, 1968, p. 54-5), restringe desnecessariamente a análise dinâmica ao caso em que apenas as quantidades variam. O argumento para isso é que em uma economia capitalista, em que as firmas são *price-makers*, os preços não se ajustam a diferenças entre oferta e demanda planejada. Implicitamente, esta opção equivale a admitir que os preços não desempenham qualquer papel de sinalização em economias capitalistas industrializadas. E que variações na demanda afetam o nível de preços dos produtos perecíveis ou não-reprodutíveis, mas não os preços de produtos industrializados.

A Taxonomia de Hicks/Leijonhufvud levou-os a uma interpretação equivocada de processo de ajuste na *Teoria geral*. De fato, para efeito do funcionamento do multiplicador, é indiferente se preços ou estoques se ajustam a discrepâncias entre demandas e ofertas planejadas (ver Chick, 1982). Porém, ao identificar o modelo de equilíbrio temporário com o método *flexprice*, Hicks obriga-se a associar o processo de ajuste (seqüencial) keynesiano ao método *fixprice*. Eis o ônus de buscar uma síntese entre as noções de equilíbrio estático de Walras e as complicações resultantes da irreversibilidade do tempo apontadas por Lindahl.

Referências bibliográficas

Amadeo, E.J. Teoria e método nos primórdios da macroeconomia (I): a transição do *Tratado* para a *Teoria geral*. *Revista Brasileira de Economia*, 40(1): 19-35, jan./mar. 1986a.

_____. Teoria e método nos primórdios da macroeconomia (II): a tríade pós-wickselliana. *Revista Brasileira de Economia*, 40 (2): 121-32, abr./jun. 1986b.

⁴ Como observado no texto, a base central de Leijonhufvud em 1968 era o oposto do que argumentamos aqui. Segundo ele, "o processo de ajuste envolve oscilações: [a] no preço e não no produto — o caso marshalliano; [b] no produto mas não no preço, o caso 'keynesiano micro' (...)" (Leijonhufvud, 1968, p. 60).

_____. Teoria e método nos primórdios da macroeconomia (III): a “revolução keynesiana” e a análise do multiplicador. *Revista Brasileira de Economia*, 40 (4): 335-53, out./dez. 1986c.

_____. Keynesian economics in question. The principle of effective demand. Upleadon, Edward Elgar (no prelo).

Chick, V. A comment on “IS-LM: an explanation”. *Journal of Post Keynesian Economics*, 4 (3), 1982.

Dutt, A. Keynes with a perfectly competitive goods market. Florida International University, 1986. mimeogr.

Hicks, J.R. *Value and capital*. Oxford, Oxford University Press, 1939.

_____. *Capital and growth*. Oxford, Oxford University Press, 1965.

_____. *Critical essays in monetary theory*. Oxford, Oxford University Press, 1967.

_____. *The crisis in Keynesian economics*. Oxford, Blackwell, 1974.

_____. *Causality in economics*. Oxford, Blackwell, 1979.

_____. *The general theory: a first impression*. *Economic Journal*, 1936. Reproduzido em: _____. *Money, interest and wages*. Cambridge, Harvard University Press, 1982a.

_____. Methods in dynamic analysis. In: *25 Economic essays in honour of Erik Lindahl*. Stocholm, Ekonomisk lidskrift, 1956. Reproduzido em: _____. *Money, interest and wages*. Cambridge, Harvard University Press, 1982b.

_____. Time in economics. In: Tang, A.M. et alii, ed. *Evolution, welfare and time in economics*. Reproduzido em: *Money, interest and wages*. Cambridge, Harvard University Press, 1982c.

_____. *Money, interest and wages*. Cambridge, Harvard University Press, 1982d.

_____. *Methods of dynamic economics*. Oxford, Clarendon Press, 1985.

Leijonhufvud, A. *On Keynesian economics and the economics of Keynes*. New York, Oxford University Press, 1968.

_____. Hicks on time and money. In: Collard, D.A. et alli, ed. *Economic theory and Hicksian themes*. Oxford, Clarendon Press, 1984.

Keynes, J.M. *A treatise on money*. Reproduzido em: The Collected Writings of John Maynard Keynes. London, McGraw-Hill, 1936. v. 5.

_____. *The general theory of employment, interest and money*. Reproduzido em: *The Collected Writings of John Maynard Keynes*. London, McGraw-Hill, 1936. v. 7.

Lindhal, E. *Studies on the theory of money and capital*. New York, A.M. Kelley, 1939.

Myrdal, G. *Monetary equilibrium*. New York, A.M. Kelly, 1939.

Robinson, J. *Collected economic papers*. Oxford, Blackwell, 1951-79. v. 5.

Shackle, G.L.S. *The years of high theory; invention and tradition in economic thought, 1926-1939*. Cambridge, Cambridge University Press, 1967.